Mosaicos configuradores da afirmatividade dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal

Maria José Remédios*

BocK, Gisela & Cova, Anne (dir.) (2003). *Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud. XIX*-XX* Siècles / Writing Women's History in Southern Europe. 19th–20th Centuries.* Oeiras: Celta Editora, pp.183

Castro, Zília Osório (dir.) (2003). *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade.* Lisboa: Livros Horizonte, pp.294

Ferreira, Maria Luísa (org.) (2003). *As Teias que as Mulheres Tecem.* Lisboa: Ed. Colibri, pp.181

Os Estudos sobre as Mulheres, assumidos como tal e reconhecidos pela comunidade académica e científica como perspectiva e área de investigação, são recentes em Portugal. Enquanto, a partir dos anos 60, os *Women's Studies* se impuseram nos EUA e em vários países europeus, sobretudo os de cultura anglo-saxónica, conquistando o seu lugar no ensino universitário e na investigação social, em Portugal só vão começar a desenhar-se passadas, aproximadamente, duas décadas[1]. Quer se reconheça que foi desde finais de 1970, princípios da década de 1980, "que surgiu no nosso país um renovado interesse pela história da mulher, bem como os primeiros estudos que tinham em linha de conta as representações mentais e sociais dos papéis masculinos e femininos" (Vaquinhas, 1993:108), quer se considere que a sua afirmação como "perspectiva inovadora de redescoberta ou de nova leitura da realidade" (Silva, 1999: 17) ocorreu apenas a partir dos anos 80, aceita-se que a realização do "I Seminário de Estudos sobre a Mulher"[2], em 1983, é um marco decisivo no desenvolvimento desta área de investigação, em Portugal.

Para o estabelecimento e a dinamização dos Estudos sobre as Mulheres têm contribuído processos diferenciados, que não devem ser tomados isoladamente, mas com interacções entre si, de entre os quais se destacam: a organização de eventos de natureza diversificada[3] (conferências, ciclos de estudos, seminários, cursos de verão,...); o desenvolvimento de investigações[4], algumas das quais apresentadas para dissertações de Mestrado e Doutoramento; a criação de espaços institucionais académicos[5]; a introdução nos programas curriculares, quer de Licenciatura quer de Mestrado, de conteúdos desse âmbito e, especificamente, sobre uma historiografia do feminino; a criação de cursos de Mestrado (o caso do da Universidade Aberta em funcionamento desde 1995) e de Pós-Graduação[6] (a iniciarem-se em 2003, por exemplo, um na Universidade Nova de Lisboa, e outro na Faculdade de Direito, da Universidade de Coimbra); a constituição de associações de investigadores/as (APEM[7] e a APIHM[8]); e a publicação de duas revistas nessa área (*ex-aequo*[9] e *Faces de Eva. Estudos sobre as Mulheres*[10]). As três obras em análise inscrevem-se, sem deixar de estar subjacentes outros, num dos referidos **processos, exteriores, de constituição dos Estudos sobre as Mulheres.**

É da divulgação dos trabalhos apresentados em três **encontros ocorridos nos últimos anos em Portugal** que tratam os livros em epígrafe. Sob a direcção de duas importantes historiadoras da mulher,

* Investigadora da UID - Observatório de Políticas de Educação e Contextos Educativos, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Doutoranda da Universidade de Évora.

a francesa Anne Cova, que está ligada à promoção dos Estudos sobre as Mulheres, em Portugal, leccionando no Mestrado da Universidade Aberta, e a alemã Gisela Block, publica-se um importante conjunto de textos, apresentados num encontro realizado na Arrábida, em Setembro de 1999, e subordinado ao tema "Écrire l'Histoire des Femmes. Bilan historiographique en Europe du Sud (France. Espagne, Grèce; Portugal), XIX^{e}-XX^{e} siècles", que nos dão uma visão da historiografia da mulher na Europa do Sul, em geral, e da investigação histórica realizada recentemente sobre os séculos XIX e XX, em particular. Cada um dos textos seleccionados incide sobre a escrita da história das mulheres num dos países da Europa do Sul ("Women's history in contemporary Spain: issues in the 1990s", por Mary Nash, pp. 9-26, "Raconter l'histoire des femmes en Italie", por Michela De Giorgio, pp. 67-79, e "L'histoire des femmes au sein de l'historiographie grecque contemporaine", por Efi Avdela, pp. 81-96), à excepção das abordagens de Anne Cova (pp. 49-66) e Irene Vaquinhas (pp. 26-47), que se foca-lizam ambas em Portugal (a primeira delas "L'histoire des femmes au Portugal: le XX^{e} siècle", e a outra "L'historiographie sur les femmes au Portugal: le XIX^{e} siècle"), e de François Thébaud ("Écrire l'histoire des femmes en France: parcours historio-graphiques, débats méthodologiques et rapports avec les institutions", pp. 97-115) e Michelle Zancarini-Fournel ("France: vers une histoire des femmes du temps présent", pp. 117-137), circunscritas à realidade fran-cesa.

Sobre um outro encontro, o "I Curso Livre de Estudos sobre a Mulher. Da igualdade à paridade", realizado em Maio de 2002, versa o livro dirigido por Zília Osório de Castro. ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade*** é constituído por quinze comunicações proferidas no referido encontro, as quais denotam abordagens de natureza diversificada da temática em análise, conforme os títulos escolhidos deixam antever: "Histórias de mulheres", de Ana Vicente, (pp. 13-42); "Literatura de autoria feminina: um património da palavra a reinventar", de Anabela Galhardo Couto, (pp. 43-52); "A criatividade feminina nas artes plásticas em Portugal", de Clara Menéres, (pp. 53-62); "Falar de mulheres: silêncios e memórias", de João Esteves, (pp. 63-84); "Da igualdade à paridade: os estudos sobre as mulheres nos Estados Unidos", de Joseph Abraham Levi, (pp. 85-98); "As mulheres face aos desafios da globalização", de Manuela Silva, (pp. 99-106); "A partilha do político", de Manuela Tavares, (pp. 107-118); "Falar de mulheres: da igualdade à paridade", de Maria do Céu Cunha Rêgo, (pp. 119-130); "A igualdade de género numa perspectiva internacional. Breve reflexão sobre o discurso político institucional", de Maria Regina Tavares da Silva (pp. 131-142); "Quando a leitura resgata do esquecimento", de Maria Teresa Santos, (pp. 143-152); "A educação no feminino (1900-2000). Discursos, números e olhares", de Paulo J. Guinote, (pp. 153-226); "A ideia de educação feminina em Sampaio Bruno", de Sara Marques Pereira, (pp. 227-246); "A questão da igualdade e da paridade no interior da Igreja Católica. Da hiper-ritualização da imagem da mulher aos discursos feministas", de Teresa Martinho Toldy, (pp. 247-260); "Instrução e feminidade: a pluralidade dos discursos em finais de oitocentos", de Teresa Pinto, (pp. 261-278); e "Paridade cultural – feministas e intelectuais", de Zília Osório de Castro, (pp. 279-294).

Por último, ***As Teias que as Mulheres Tecem*** reúne os textos que foram apresentados num colóquio, com o mesmo nome, integrado nos "Encontros Arrábida 2002". Inscrevendo-se em abordagens disciplinares diferenciadas, todos eles tomaram "a metáfora da rede como um modelo possível para compreender a mundividência feminina" (p. 13). A partir da proposta de José Pedro Serra – "A teia de Penélope" (pp. 17-26) - revisitamos formas de ser/estar/agir de homens e mulheres, tomados, ao longo dos séculos, como arquétipos da condição humana, e relendo com ele a história de Ulisses e Penélope, constata-se que: "Hoje, como ontem, com igual sedução e não menos encanto, vão-se tecendo nos teares femininos os gestos, os gestos masculinos. E é aí, nessa trama, assim 'tramados', que eles dizem sim à vida e abençoam a sorte" (p. 26). Outros textos

retomam a actividade de fiar e tecer, encarando-a do ponto de vista das histórias de vida, Maria do Loreto Paiva Couceiro ("Inter-tecendo a vida: histórias de mulheres", pp. 27-38), da produção artística, Isabel M. D. Caldeira Cabral e Inez Barahona de Almeida comparam telas e poemas ("Telas e teias. Vieira tecedeira e a poesia de Sophia", pp. 39-71), das narrativas primordiais, recorrendo a um mito da cultura germânica, Carlos João Correia ("A mitologia nórdica e ateia de Wyrd", pp. 73-85), ou analisando episódios vetero-testamentários, com mulheres por protagonistas, Maria Lúcia Lepecki ("Amores, paixões e enredos: casos da Bíblia", pp. 87-102), da economia, Manuela Silva ("As teias da globalização: efeitos de urdidura e trama no trabalho das mulheres", pp. 103-115), da religião, Teresa Toldy ("Teias que as mulheres tecem – teias que as mulheres enredam: as mulheres e a transmissão da fé", pp. 117-134), da história, Luísa Beltrão ("Enredos privados na teia da história", pp. 135-147), e da filosofia, Fernanda Henriques ("As teias da razão: a racionalidade hermenêutica e o feminismo", pp. 149-160) e Maria Luísa Ribeiro Ferreira ("As teias dos afectos", pp. 161-174) e da partilha de uma história pessoal desenrolada no mundo, Isabel Marnoto ("A minha teia. A teia do mundo", pp. 175-181).

Subjacente a estas três obras estão, ainda, **outros processos que têm sustentado o desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres.** Cada um dos eventos está associado a um **núcleo organizado em meio académico.** Tal como é explicitado em ***As Teias que as Mulheres Tecem,*** o colóquio, que originou a produção dos trabalhos agora publicados, teve a parceria do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, através do projecto *Uma Filosofia no Feminino* (p. 13), ou por Zília Osório de Castro, ao reconhecer que o "I Curso Livre de Estudos sobre a Mulher. Da igualdade à paridade" foi promovido por "Faces de Eva. Centro de Estudos sobre a Mulher", integrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (p. 7). É, ainda, sob a égide de uma instituição universitária que se processa a publicação dos textos do referido encontro "Écrire l'Histoire des Femmes. (...)", designadamente do Centro de Estudos da Migração e das Relações Interculturais, da Universidade Aberta, assim como do seu projecto de investigação *Women and Citizenship in 20 Century Portugal* (p. 8).

Finalmente, em duas destas obras existem textos produzidos no âmbito de **cursos de Mestrado ou de Doutoramento,** designadamente das dissertações defendidas ou a defender, evidenciando-se processos que têm contribuído para o desenvolvimento deste campo do saber, ao aumentarem a comunidade de estudiosos e promoverem a sua investigação. Desta forma, a 2.ª parte da obra sob a direcção de Anne Cova e Gisela Bock é constituída por "brief summaries of recent research on Portuguese women's history, mostly MA dissertations, some of which have been published since our meeting was held" (p. 7).

Apresentam-se as investigações realizadas, no âmbito do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, da Universidade Aberta: (i) por Teresa Pinto[11], sobre o ensino industrial feminino no séc. XIX, a partir do estudo de uma escola de desenho industrial, situada na vila de Alenquer, e aberta à frequência de ambos os sexos (pp. 141-144), a qual "a surtout rendu possible le suivi des études à ces jeunes filles" (p. 143), o que sugere, segundo a investigadora, que não estando estabelecido o ensino secundário oficial para as raparigas, no séc. XIX, aquelas que procuraram as escolas industriais "ne voulaient qu'accroître leur capital scolaire" (p. 143); (ii) em torno da figura de Maria Lamas (1893-1983), por Maria Antónia Fiadeiro[12] (pp. 169-176), que estudou, sobretudo, conforme afirma, "sa dimension de professionelle de la presse" (p. 175); (iii) acerca do feminismo em Portugal, no período entre 1970 e 1980 (pp. 177-179), "created during a socio-political and cultural milieu that was unique to Portugal, and which was distinct from that of rest of (Western) Europe and the United States, Portuguese feminism did not have enough space to develop into a broader women's movement" (p. 179), conforme conclui Manuela Tavares[13]; e (iv) "Les femmes députées et le pouvoir politique: le Portugal de 1974 aux années quatre-vingt-dix" (pp.

181-183), por Amélia Campos[14], na qual se reconhece que "l'exercice parlementaire au féminin et de l'idée d'une société plurielle, se dégage "la parité" comme notion clé afin d'atteindre l'égalité des chances entre hommes et femmes" (p. 182).

São incluídos três outros estudos desenvolvidos em dissertações de Mestrado, defendidas no ISCTE. Um deles, da autoria de Maria Isabel Viegas Liberato[15], sobre a prostituição em Portugal (1841-1926), do ponto de vista dos discursos, práticas e políticas (pp. 145-148), conclui que "les mythes fondateurs des programmes réglementariste et abolitionniste, nous amènent à poser l'hypothèse que la condition sociale, politique et culturelle des femmes dans la société moderne s'est construite en connexion et est indissociable de l'édification des institutions constitutives de l'Etat protectionniste, prônées par les différentes disciplines scientifiques" (p. 148). Em "Femmes et État Nouveau: la jeunesse portugaise féminine, 1937-1945" (pp. 165-168), Manuela Barbas[16], estudando a Mocidade Portuguesa Feminina, no referido período, coloca a questão "l'utilisation des femmes par le pouvoir ou encore l'utilisation que ces dernières peuvent faire du pouvoir" (p. 165). E, por último, o texto de Virgínia do Rosário Baptista, "Women in the portuguese labour market (1890-1940)", que versa sobre um estudo realizado pela investigadora[19], o qual nos revela que "it is only from the 1930 , when they seek to maintain or improve their cultural level, that women move into the service sector" (p. 153), pois até aí as mulheres que trabalhavam na cidade eram predominantemente jovens e realizavam trabalho doméstico ou empregavam-se na indústria como aprendizas.

Dá-se, ainda, a conhecer um outro trabalho, sobre uma das organizações femininas do Estado Novo, a Obra das Mães pela Educação Nacional (1936-1974), afirmando Irene Flunser Pimentel (pp. 161-164), a qual apresentou em 1996, na Universidade Nova, uma dissertação de Mestrado em História sobre a referida organização e a Mocidade Portuguesa[17], que: "Au lieu de transformer les mentalités féminines, l'OMEN s'est limitée à atteindre un petit nombre d'entre elles avec quelques cours d'économie domestique, sessions de propagande nataliste et initiatives de charité" (p. 164). Também, João Esteves, que estudou duas importantes organizações de mulheres dos inícios do século XX[18] e prepara um doutoramento sobre o associativismo feminino português, aborda nesta obra (pp. 155-159) "la divulgation et construction des idées féministes au Portugal", processo que, segundo ele, apesar de compreender "deux étapes distinctes" - a primeira, entre 1907 e 1908, incidindo "sur les droits et les devoirs des femmes et du féminisme", e a segunda afirmando-se a partir da necessidade experimentada pelas feministas "de disposer d'organisations qui oeuvrent en faveur des intérêts des femmes" -, é marcado pelo "recours à la parole et à la publication d'une presse, comme principal moyen de divulguer leurs revendications" (p. 155).

Igualmente, os estudos apresentados em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade*** por João Esteves ("Falar de mulheres: silêncios e memórias"), Paulo Guinote ("A educação no feminino (1900-2000). Discursos, números e olhares"), Sara Marques Pereira ("A ideia de educação feminina em Sampaio Bruno") e Teresa Pinto ("Instrução e feminidade: a pluralidade dos discursos em finais de oitocentos") inscrevem-se no trabalho desenvolvido para a dissertação de doutoramento que estão preparando ou que já apresentaram.

A pertinência destas três obras justifica-se, na medida em que a divulgação de investigações e reflexões sobre um determinado tema, que marca os encontros de estudiosos, contribui para a avaliação do "estado da questão", de certa matéria, permitindo-nos passar, em termos de **abordagem da constituição de um dado saber**, do nível **externo** para o **interno**.

Conforme se dá conta, a importância de ***Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud. XIXe–XXe Siècles / Writing Women's History in Southern Europe. 19th–20th Centuries*** reside no facto de "about thirty historians from various parts of Europe met at Arrábida in Portugal in order to explore, discuss and compare the state of scholarship on women's and gender history in Southern Europe (Portugal, Spain, Italy, Greece, and France, the south of which may be considered to be part of Southern Europe)", tornando-se o seu intuito mais relevante, se tivermos em atenção que "it was the first meeting of its kind" (p. 1). Zília Osório de Castro também se refere a este denominador comum, afirmando que ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade*** "representa o ponto de situação das incidências de algumas questões decorrentes da igualdade e da paridade, tal como, à data, eram entendidas por quem aceitou divulgar e partilhar o seu modo de pensar sobre o assunto" (p. 7).

Consideramos que a pluralidade de textos reunidos nestas obras revela a **natureza transversal dos Estudos sobre as Mulheres**, a qual, por um lado, faz convergir várias áreas de conhecimento na abordagem do feminino, tomando-o, por outro lado, como um objecto plural, nas suas diversas manifestações. Se há textos que evidenciam uma natureza filosófica, casos de Fernanda Henriques (pp. 149-160), Luísa Ribeiro Ferreira (pp.161-174) e Isabel Marnoto (pp. 175-181) em ***As Teias que as Mulheres Tecem*** ou, ainda, de Maria Teresa Santos (pp. 143-151), em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, outros há, por exemplo neste último livro, que se perspectivam a partir da literatura (Anabela Galhardo Couto), da economia (Manuela Silva), do direito (Maria do Céu da Cunha Rêgo), da política (Manuela Tavares e Maria Regina Tavares da Silva), da teologia (Teresa Toldy) ou, ainda, da história (Ana Vicente, João Esteves, Paulo Guinote, Sara Marques Pereira e Zília Osório de Castro). Contudo, algumas destas propostas, identificadas com uma determinada abordagem, não desprezam outros saberes disciplinares, o caso de Teresa Santos, recorrendo à cultura grega, designadamente à história de Praxágoras, narrada por Aristófanes em *As Mulheres no Parla-mento*, e à tradição religiosa hebraica, sobre o casal paradigma da Humanidade, evocativos da intenção feminina de "igualdade e paridade" e indicativos "da dificuldade em acolher um modelo relacional não fracturado em função do género" (p. 150).

Por um lado, a(s) mulher(es) tomada(s) em cada um dos textos, que compõe, quer ***As Teias que as Mulheres Tecem***, quer ***Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud. XIXe–XXe Siècles / Writing Women's History in Southern Europe. 19th–20th Centuries*** ou ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, ainda que tenham coincidências entre si, mais ou menos fortes, são diferentes umas das outras. A título de exemplo, reconhece-se que as mulheres evocadas se distinguem, apesar, em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, dos laços de sangue (Ana Vicente) ou de utilizarem as artes plásticas para se exprimirem (Clara Menéres), e em ***Écrire l'Histoire des Femmes en Europe du Sud. XIXe – XXe Siècles / Writing Women's History Southern Europe. 19th–20th Centuries***, de defenderem causas comuns (João Esteves). Por outro lado, sendo as suas acções múltiplas, naquela primeira obra e/ou na segunda estudam-se as mulheres na relação com a Educação (Teresa Pinto, Paulo Guinote, Sara Marques Pereira, Irene Pimentel e Manuela Barbas), os movimentos sociais e o associativismo (Manuela Tavares e João Esteves), a imprensa (Zília Osório de Castro e João Esteves), a "marginalidade", Maria Isabel Liberato, o poder político (Amélia Campos, Manuela Tavares e Maria Regina Tavares da Silva) ou o trabalho (Virgínia R. Baptista). Também, em ***As Teias que as Mulheres Tecem***, ao considerarem-se os processos de autoformação de mulheres (Maria do Loreto Paiva Couceiro), a poesia de Sophia de Mello Breyner ou a tela de Vieira da Silva (Isabel M. D. Caldeira Cabral & Inez Barahona de Almeida), as mulheres e a transmissão da fé (Teresa Toldy), entre outras, está-se a tomar o feminino nas suas mais variadas manifestações.

Há, contudo, que reconhecer que a História das Mulheres tem sido uma das áreas dos Estudos sobre as Mulheres com maior desenvolvimento, entre nós, o que transparece nos estudos em análise. A obra dirigida por Anne Cova e Gisela Bock, conforme o nome sugere, inscreve-se neste âmbito, e nos outros dois livros predomina a abordagem histórica, isoladamente, ou associada a outras. Talvez a razão esteja no silêncio[20] a que a história votou as mulheres, como se fosse possível fazê-la sem a presença da outra parte da Humanidade[21].

Conforme afirma um dos textos, publicado em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, "nunca é demais 'falar de mulheres', enquanto forma de quebrar o silêncio a que, estranhamente, continuam sujeitas, como se não passassem de personagens secundárias ou meras espectadoras, como se não fizessem parte da própria História, sobretudo da História apologética dos vencedores" (João Esteves, p. 63). A presença de um número assinalável de textos privilegiando a abordagem histórica permite identificar linhas de pesquisa e oferece análises comparativas, sem as quais é impossível escrever a História das Mulheres, relativa a Portugal.

O **aspecto revisor do conhecimento científico** é hoje consensual, o qual implica uma constante avaliação da coerência entre a teoria e a prática e, consequentemente, **a aceitação do carácter provisório das suas afirmações**. O trabalho de Paulo Guinote, dado a conhecer em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, assume esta exigência, na medida em que sujeita à apreciação a ideia sustentada, habitualmente, no que diz respeito à Escola, a de instrumento de "manutenção/reprodução de estereótipos sociais associados ao género, não apenas de forma explícita como de forma implícita" (p. 154). Por um lado, ele reconhece que, dada "uma excessiva ideologização do debate, aquém e além fronteiras, a investigação nem sempre avançou de forma neutra, assumindo-se alguns princípios metodológicos para provar pontos de vista 'engajados'" (p. 154), por outro lado, não despreza dados empíricos que sugerem que os "ganhos na escolarização feminina são evidentes e nem são especialmente recentes, (...), pelo menos na base da pirâmide (do ensino primário ao secundário)" (p. 155). Propõe-se, então, partindo dos resultados a que hoje chegámos, "'medir' a evolução da chamada 'feminização' do sistema de ensino, procurando detectar possíveis diferenças de ritmo/velocidade na forma como progrediu a presença das mulheres na Educação, tanto em termos cronológicos como consoante os diversos níveis de ensino e áreas vocacionais/científicas" (p. 156).

A leitura destas obras permite-nos, ainda, deparar com um outro traço característico dos Estudos sobre as Mulheres – **a inovação. Em termos metodológicos** eles têm revelado fontes e feito convergir técnicas de análise até aí descuradas ou pouco utilizadas. Assim, em ***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, a partir das necessidades experimentadas ao investigar "os feminismos portugueses"[22], João Esteves reflecte "sobre a discrição e omissões que trespassam as obras de referência; a inexistência de instrumentos metodológicos; a necessidade de recolher e preservar as fontes escritas; a importância dos arquivos particulares; e a urgência em 'ouvir' as protagonistas e compilar os respectivos depoimentos" (p. 63) e oferece-nos uma caracterização da imprensa feminista (1902-1947), dos espólios de feministas entregues a instituições públicas, os quais constituem seis núcleos documentais, e, finalmente, inventaria as fontes orais recolhidas pela revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Também, **do ponto de vista conceptual**, esta área científica tem apelado a uma (re)definição da linguagem enunciadora da realidade que se vai conhecendo. O exercício pedido a cada um dos estudiosos, em ***As Teias que as Mulheres Tecem***, denota esta capacidade inovadora ao introduzir-se a metáfora "teia" e, consequentemente, aceitando alterar-se a própria *discursividade* científica.

Se, até ao momento, focámos a importância destas três obras, reconhecendo o contributo de cada uma delas para uma definição dos Estudos sobre as Mulheres no quadro dos saberes científicos, colocamos, agora, o problema inverso, isto é, **o contributo desta nova área para uma epistemologia do saber**. A procura de outros paradigmas está patente no discurso de Boaventura Sousa Santos[23], nomeadamente ao afirmar que, na actualidade, "necessitamos de um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una ao que estudamos".

O texto de Fernanda Henriques, "As teias da razão: a racionalidade hermenêutica e o feminismo", confronta-nos com a necessidade de se alterar o modelo do próprio pensar, sob pena dos Estudos sobre as Mulheres se remeterem a "um guetto" ou "a uma simples marginalidade tolerada e sem consequências" (p. 150). Para esta investigadora há que rever o conceito de racionalidade, superando as seguintes antinomias: "razão clarificadora e pretensamente objectiva, mas excluente" *versus* "razão abrangente e aberta, mas débil no seu poder analítico e crítico"; ou "a perspectiva de uma verdade universalizadoramente abstracta" ou "um ponto de vista relativista, igualizador" (pp.149-150). Segundo ela, influenciada pelas propostas de P. Ricoeur e de María Zambrano, é a hermenêutica, tomada como saber e enquanto modo de constituição do saber, que se coaduna com "a epistemologia feminista", pois ao radicar num "conceito alargado de racionalidade", aceitar que "a interpretação é própria do modo humano de saber" e estabelecer "a impossibilidade de um saber puro, sobre a realidade" admite a "historicidade", a "fragmentação", a "interacção entre o metafórico e o conceptual" e a "finitude", que convém às intenções do saber(es) feminino(s) (pp. 158-159).

Finalmente, mas não menos importante, parece-nos **a ligação deste saber à vida**. Platão havia referido que a ciência é verdade e a verdade é bem; hoje, sustentado por uma argumentação radicalmente oposta à sua, proclama-se que as ciências, nomeadamente as humanas, perdem a sua identidade se desvinculadas de um posicionamento comprometido com a vida humana. A intenção, que preside aos Estudos sobre as Mulheres, de *Becoming visible*, retomando a expressão de uma das obras de História das Mulheres[24], é essencialmente ética. Ela não nos deixa indiferentes em relação a nós próprios, à(s) outra(s) e ao(s) outro(s). Deste modo, podemos compreender a associação estreita entre os Estudos sobre as Mulheres e os problemas da cidadania (política ou social) - a defesa dos direitos das mulheres, a não discriminação em função do sexo, a paridade nos lugares de decisão -, que têm marcado a pesquisa. Conforme nos diz o texto de Regina Tavares da Silva "é de direitos humanos que se trata quando se fala de feminização da pobreza, de marginalização da vida política, de combate à violência ou de qualquer outra forma de discriminação ou desigualdade. Direitos fundamentais, cívicos e políticos, direitos económicos, sociais e culturais, ou direito à integridade física e à dignidade, que em qualquer destes casos não são cumpridos" (***Falar de Mulheres. Da igualdade à paridade***, pp. 140-141).

Das diferenças e similitudes dos trabalhos produzidos vão-se construindo saberes que, tais como o mosaico integra formas plurais de abordar o real, conferem realidade aos Estudos sobre as Mulheres e estão marcados pela incompletude, tal como do exercício do *patchwork* sai uma obra que, apesar de parecer finalizada, está sempre inacabada, apelando à nossa criatividade.

Notas

[1] Relativamente à emergência do Estudos sobre as Mulheres em Portugal consultem-se: Vaquinhas, I. (1993). "Estudos sobre as Mulhe-res na área de História". *In* AAVV. *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, pp. 107-139; idem (2000). "Breve reflexão historiográfica sobre a História das Mulheres em Portugal: o século XIX". *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n.º 3, pp. 81-101; Silva, M. R. (1993). "Estudos sobre a Mulher em Portugal: breve perspectiva histórica". *In* AAVV. *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, pp. 59-67; e idem (1999ª). "Estudos sobre as Mulheres em Portugal: um olhar sobre o passado". *ex aequo*, Lisboa , n.º 1, pp. 17-28.

[2] Seminário de Estudos sobre a Mulher. *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, Lisboa, n.º 1, Jan.-Jul., 1984.

[3] Podem encontrar-se resumos destes eventos no boletim trimestral da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, intitulado *Notícias*, assim como na revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, designadamente na secção "Notícias" ou, por vezes, em alguns n.ºs da *ex aequo*.

[4] Irene Vaquinhas tem-se preocupado em compreender o processo de desenvolvimento dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal, identificando as investigações realizadas nesta área, assim como analisando as vertentes que têm sido exploradas pelos mesmos; vejam-se: Vaquinhas, I. (2002). "Impacto dos Estudos sobre as Mulheres na produção científica nacional". *ex aequo*, Lisboa, n.º 6, pp. 147-174; idem (2000). *Op.cit.*; idem (1993). *Op. cit.* Também, M.ª Regina Tavares da Silva inclui no seu levantamento bibliográfico, versando a produção literária sobre a mulher, os trabalhos académicos realizados sobre a temática do feminino (Silva, M. R. (1999ᵇ). *A Mulher. Bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*. Lisboa: Edições Cosmos).

[5] Podemos encontrar a inventariação, relativamente ao ano de 2001/2002, destes espaços institucionais, de natureza diversa, em "Estudos sobre as Mulheres". *Notícias*, Lisboa, n.º 60, Out.-Dez., 2001, pp. 14-18.

[6] Relativamente aos cursos de Mestrado e de Pós-Graduação em vigor em 2001/2002 veja-se *Op.cit.* na nota 5.

[7] A Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM) surgiu em 1991, organizou com a participação

de especialistas nacionais e estrangeiros os encontros bienais "Sexismo e Feminismo" (1995), "As Mulheres e o Estado" (1997), "Políticas de Igualdade – perspectivas e paradoxos" (1999) e "A Construção dos Estudos sobre as Mulheres" (2001), cujas comunicações estão publicadas nos n.os 5 e 6 da revista *ex aequo*, assim como, desde 1999, publica a citada revista. Sobre as iniciativas da APEM ver: Magalhães, M. J. (2001). "Dez anos da APEM: percorrer as vozes, significar os percursos". *ex aequo*, Lisboa, n.º 5, pp. 27-68; e Ferreira, V. (2000)."Associação Portu-guesa de Estudos sobre as Mulheres - breve apresentação". *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n.º 4, 2000, pp. 125-128.

[8] A Associação Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres (APIHM) constituiu-se em 1997 e realizou os encontros "Mulheres, História e Sociedade – algumas linhas de investigação nos finais do século XX" (1998), "Em torno da História das Mulheres – seu contributo para a construção de Portugal" (1999), "Fazer a História das Mulheres – da Casa à Escola, da Escola à Universidade" (2000), "Em busca da História das Mulheres Portuguesas" (2001), "As Mulheres e a Festa em Portugal" (2002), "Mulheres. Memória. História" (2002), "As Mulheres e a Família –encontros e desencontros" (2003). Sobre os seus objectivos e outras realizações, consulte-se: Alvim, M. H. (2000). "Ser mulher ontem e hoje e amanhã? – A Associação Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres". *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n.º 3, pp. 137-146.

[9] Veja-se nota 7.

[10] Esta revista surge em 1999, associada a um grupo de trabalho orientado pela Prof.ª Doutora Zília Osório de Castro. Estando, inicialmente, integrada no Instituto Pluri-disciplinar da História das Ideias, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, a revista hoje é publicada por um Centro, com o mesmo nome e enquadrado institucionalmente na mesma Universidade.

[11] *O ensino técnico industrial feminino em finais do século XIX. A Escola Damião de Góis em Alenquer*, dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, 1998; publicada com o título *O Ensino Industrial Oitocentista. A Escola Damião de Góis em Alenquer*. Lisboa: Colibri, 2000.

[12] *Maria Lamas (1893-1983), uma mulher jornalista. Tentativa e tentação biográfica*, dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, 1999; publi-cada com o título *Maria Lamas. Biografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2003.

[13] *Movimentos de mulheres em Portugal após Abril de 1974*, dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aber-ta, 1998; publicada com o título *Movimentos de Mulheres em Portugal. Décadas de 70 e 80*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

[14] *As mulheres deputadas e o exercício do poder político, do pós 25 de Abril de 1974 aos anos noventa*, dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mu-lheres, Universidade Aberta, 2000; publicada com o título *As Mulheres Depu-tadas e o Exercício do Poder Político, do pós 25 de Abril aos anos Noventa*. Lisboa/Porto: Assembleia da República/Edições Afrontamento, 2001.

[15] *Discursos, práticas e políticas prostitucionais em Portugal (1841-1926)*, dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, Universidade Aberta, 1999; publicada com o título *Sexo, Ciência, Poder e Exclusão Social. A tolerância da prostituição em Portugal (1841-1926)*. Lisboa: Livros do Brasil, 2002.

[16] *Mocidade Portuguesa Feminina, 1937-1945*, dissertação de Mestrado em História, ISCTE, 1999.

[17] Baptista, V. R. (1999). *As Mulheres no Mercado de Trabalho em Portugal: representações e quotidianos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

[18] *Contributos para a história das mulheres no Estado Novo. As organizações femininas do Estado Novo. A "Obra das Mães pela Educação Nacional" e a "Mocidade Portuguesa Feminina", 1936-1966*, dissertação de Mestrado em História, Universidade Nova de Lisboa; publicada com o título *História das Organizações Femininas do Estado Novo. O Estado Novo e as Mulheres. A Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF)*; Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

[19] São elas: a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas-LRMP (*A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: uma organização política e feminista (1909-1919)*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1991); e a Associação de Propaganda Feminista–APF (*As Origens do Sufra-gismo Português. A primeira organização sufragista portuguesa: a Associação de Propaganda Feminista (1911-1918)* Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998).

[20] Objecto da abordagem da historiadora Michelle Perrot (*Les Femmes ou les Silences de l'Histoire*. Paris: Flam-marion, 1998).

[21] A este respeito José Matoso afirmou: "Não só não se escreveu só metade, como esta metade não tem sentido algum sem o resto" ("Introdução ao Painel Estudos sobre as Mulheres em Portugal". AAVV. *Estudos sobre as Mulheres em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, pp. 55-57).

[22] Ao estudar a LRMP e a APF (veja-se nota 18) revelou-nos um importante núcleo de fontes para a História das Mulheres, assim como nos proporciona uma sistema-tização da imprensa feminina e feminista portuguesa, imprescindível para o estudo da emergência do femi-nismo português ("O movimento feminista em Portugal. Periódicos, 1899-1928". *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, n.º 1-2, pp. 185-196).

[23] Toma-se aqui como referência a obra: *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1987. Todavia, esta ideia atravessa outros trabalhos do mesmo autor, tais como: *Um Discurso sobre as Ciências Sociais* (Porto: Edições Afrontamento, 1987), ao delinear-se o perfil da nova ordem científica; *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna* (Porto: Edições Afrontamento, 1989), no qual se define o perfil epistemológico do novo paradigma científico, a emergir; e *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência* (Porto: Edições Afrontamento, 2000), retomando-se a superação da dicotomia sujeito/objecto, afirma-se que "todo o conhecimento é auto-conhecimento".

[24] Bridenthal, R. , Koonz, C. & Stuard, S. (Eds.) (1987). *Becoming Visible. Women in European History*. Boston: Houghton Mifflin Company.